

Vidraça vs. bodoaque

Os economistas brasileiros discutem, em Brasília, uma saída genuinamente brasileira para o labirinto da crise econômica. Os expositores e debatedores do 6º Congresso Brasileiro de Economia, instalado ontem, pretendem libertar-se da disputa pelo diagnóstico, discussão que já virou rosca-sem-fim. Eles pretendem avançar no campo minado da terapêutica, espécie de operação pára-quedas: a sociedade brasileira foi atirada para fora do avião da prosperidade nacional. Em pleno vôo, está em queda livre, vai arrebentar-se no solo... Um brasileiro em cada cinco já quebrou a cara e a alma no chão: são os 27 milhões de patrícios sem documento, sem endereço, sem trabalho, sem família digna do nome, corroídos no corpo e na mente em caráter irreversível.

A ordem é salvar o resto. E os economistas acabam de ligar o desconfiômetro: de nada adianta discutir as causas da crise ou descobrir o desgraçado que nos atirou para fora do avião em pleno vôo. E de nada vale investigar o Brasil 2000, se vamos cair na pedra, na areia ou na água. O negócio é abrir o pára-quedas — e rezar para que o danado não esteja furado.

Temos pára-quedas — e Deus permanece de plantão.

O encontro dos economistas, em Brasília, é rico de fascínio político e de charme profissional: a vidraça virou bodoaque, o bodoaque agora é vidraça. Pela primeira vez, o Congresso Brasileiro de Economia coloca ao redor da mesma mesa os economistas que eram tecnocratas e os tecnocratas que eram economistas. Explicação aos navegantes da cena brasileira: tecnocrata é economista do Governo. O desfile de ministros versus ex-ministros vai de segunda a sexta. A separá-los, 150 dias de administração econômica mudancista, a da Nova República.

Mais que uma postura científica de escolas ambíguas ou anfíbias rotuladas de monetarismo, estruturalismo, keynesianismo, marxismo ou o que dizem ser uma coisa e outra, o "locus" da discussão está no desgaste do poder: na teoria, todos os modelos funcionam, são operacionalizáveis, comprometidos com a felicidade nacional bruta.

Na prática, são outros quinhentos por cento.

Os profissionais da perplexidade

Estamos atolados na areia moeda da crise: quanto mais a gente se mexe dentro dela, mais afunda. Alguns desvios de rota não contam com passagem de volta, fazem o grifo da crise autotécnica. Por exemplo: a inflação inercial, a economia indexada, o consumo arrochado, a renda con-

centrada, a estatocracia irre-móvel, a hemorragia cambial da dívida externa, a especulação financeira interna, o "déficit" público coberto pela dívida pública, o custo financeiro da dívida pública ampliando o "déficit" público, a cegonha fazendo hora extra pelas noites do Brasil...

Profissionais da perplexidade acadêmica, os economistas brasileiros queimam muita vela no trato dos impactos externos da crise brasileira e nos efeitos do "monitoramento" técnico (e político) do FMI. Deveriam dar idêntico destaque a dois problemas brasileiros que despertam curiosidade acadêmica nos colegas do mundo inteiro: a experiência única da economia fortemente indexada (autêntico animal de laboratório) e a operação enxuga-gelo da explosão demográfica: de hoje ao ano 2000, ali na esquina, teremos de receber mais 44 milhões de brasileiros, o mais velho, com 15 anos de

Utopia alegre da abundância

Professor ou ministro, consultor ou tecnocrata, o economista brasileiro trabalha com modelos importados e tais modelos não encontram resposta na etiologia da crise brasileira. A alternância das escolas no poder, inaugurada a 15 de março, reforça a verificação: os engenheiros da escassez, os economistas profissionais, não conseguem realizar o generoso projeto dos arquitetos de abundância, a classe política. Disso resulta a modulação de uma política econômica casuística, voltada para a administração dos efeitos e não para a intervenção sobre as causas — a taxa de juros que o diga.

Ou a política salarial: deprime-se furiosamente o poder de compra do "mercado interno" e exige-se a expansão simultânea do consumo, da produção e do emprego — promessa de palanque da Nova República e de todos os governadores peemedebistas de 1982. Discute-se bravamente a hiperinflação (de demanda) no rastilho de uma episódica reposição salarial, via reajuste trimestral. Repórter do evento econômico, ainda não consegui localizar na literatura econômica importada um ensaio de peso sobre economia indexada ou sobre "administração econômica em regime de inflação estabilizada no patamar de 220 por cento ao ano, com correção cambial diária e com ORTN corrigindo custos e preços mensalmente..."

A própria teoria da "estagflação", terceiro mundista, fenômeno do Brasil 81/84, é rarefeita. E no Brasil, para complicar a análise científica, a contabilidade econômica não é confiável, é projeção de terceira categoria, vulgo chutometria.